

Vera Maria Tietzmann Silva

Prisioneiros do vento sul é o novo livro de contos da escritora Adelice da Silveira Barros, goiana de Caçu. Nos últimos anos, sua trajetória de ficcionista vem-se consolidando num ritmo constante. Contudo, sua obra não decorre de ímpeto, de assomo juvenil. Antes, é fruto de árvore adulta, amadurecido devagar. Adelice da Silveira Barros primeiramente recolheu experiências de vida e de conhecimento, enriquecendo sua bagagem cultural em um longo período de latência para, só então, transformar sua leitura de mundo em narrativas ficcionais. Como acontece com os bons vinhos, o tempo de recolhimento apurou o sabor do produto que a autora oferece agora a seus leitores.

Nessa fase de preparação para a escrita, Adelice da Silveira Barros graduou-se em Pedagogia, na Universidade Federal de Goiás, criou sua família e consolidou sua trajetória de leitora. Iniciou-se como contista em 1997, submetendo seus textos a diversos concursos, obtendo premiações e menções honrosas dentro e fora de Goiás. O conto que dá nome a esta coletânea é um dos muitos premiados em concurso de âmbito nacional.

Em 1999 lança seu primeiro volume de contos, Salada de capitães. Por ter saído em edição do autor, o livro teve repercussão discreta, mas, mesmo assim, chamou a atenção de especialistas goianos, como Darcy França Denófrio e Miguel Jorge. São 22 narrativas onde já se percebe a mão segura de uma ficcionista que domina o seu ofício e é capaz de prender a atenção do leitor nas malhas narrativas.

Um ano depois, Adelice experimenta a ficção mais estendida e lança o romance Um jeito torto de vir ao mundo, sem dúvida um dos momentos mais sensíveis que a Literatura Goiana já produziu nessa modalidade. Em prefácio ao livro, afirma Miguel Jorge: Não se conta neste texto com as facilidades que, quase sempre, marcam romances de estreante no gênero. Nem mesmo com concessões de conveniência com o todo da narrativa, pois o romance é produto desse húmus brasileiro projetado para a modernidade, na certa, incorporado pelas benéficas influências de familiaridade com a leitura de bons escritores. E vem das raízes de nossa melhor cultura a essência que dá corpo e vida à prosa de Adelice da Silveira Barros.

Passado pouco mais de um ano, a autora brinda seus leitores com mais uma obra, desta vez retomando a ficção curta. Prisioneiros do vento sul apresenta um conjunto de 25 contos, alinhados pela ordem alfabética dos títulos. Quatro desses contos – “O canto do galo”, “De volta às cerejas”, “Ela, a etiqueta” e “Perdidos no espaço” – foram retirados do livro de estréia da autora, Salada de capitães.

O estilo de Adelice da Silveira Barros poderia ser descrito como enxuto, ágil e, mesmo, às vezes, sincopado. As descrições são uma constante em suas narrativas, mas, longe

de retardarem o andamento das ações, impulsionam-nas, porque são descrições rápidas, que reduzem aos traços essenciais o objeto descrito, eliminando as adjetivações excessivas. Como as pinceladas curtas e nervosas dos impressionistas, limitam-se ao essencial. O seu ritmo dinâmico, aliás, exige um leitor atento, que vá completando mentalmente as cenas apenas esboçadas. Miguel Jorge já assinalara essa feição estilística da autora ao comentar *Um jeito torto de vir ao mundo*, quando afirmava:

A autora utiliza-se de procedimentos poéticos para trabalhar a linguagem com agilidade e precisão, numa sucessão de momentos e de movimentos que englobam presente e passado, como um horizonte de possibilidades e expectativas.

Com respeito a esse seu traço estilístico, o texto que abre o volume, "Alguém na multidão", é exemplar. Simultaneamente descritivo e dinâmico, mostra, com impressões visuais, o interesse de um jovem motorista por alguém que ele vê na rua, em meio à multidão de pedestres. A economia das descrições sugere o ritmo do trânsito e a apreensão fragmentada que o protagonista tem da moça, dividindo sua atenção entre o fluxo dos veículos e o objeto de seu desejo:

Saia justa, na altura dos joelhos. Blusa de malha, gola alta, discreta. Sapatos de salto alto. Bolsa molenga de couro marrom. Cabelos castanhos, lisos, cortados na altura dos ombros. Há no conjunto uma harmonia, digamos assim, displicente. O casaco de veludo vermelho vivo, negligentemente amarrado nos quadris, o único detalhe destoante.

No que diz respeito à construção dos textos e ao conjunto das narrativas, observa-se que o livro não cansa o leitor, porque apresenta um ritmo diversificado que vai trabalhando um grupo reduzido de temas sob diversas nuances (como um tema e variações, na música) e sob diversos tratamentos técnicos. Assim, a autora vai alternando a extensão (de breve a média), o foco narrativo (de primeira ou terceira pessoa), a perspectiva narrativa (ora feminina, ora masculina), o tom (do lírico ao lúdico, do factual ao alegórico), o cenário (definido ou impreciso) e o tempo (contemporâneo, passado ou futuro ou, até mesmo, o entrecruzar de dois desses tempos).

Engana-se quem pensa ser a leitura um ato solitário. Ela é, antes, um jogo de que tomam parte autor e leitor, cada qual munido de seu conhecimento prévio, armado com a bagagem que acumulou durante a vida. Nas imagens recorrentes, nas alusões disseminadas, nos intertextos escondidos – em outras palavras, nas entrelinhas do texto narrativo – se processa um jogo de dissimulação e de desvelamento praticados, respectivamente, pelo autor e seu leitor. Essa feição particular do texto literário constitui seu maior desafio e seu maior fascínio. Da mesma forma que fez a esfinge do mito, também *Prisioneiros do vento sul* afronta o leitor com o desafio: "Decifra-me ou devoro-te!" Como todo texto literário que mereça esse nome, o volume de contos de Adélice da Silveira Barros requer uma atitude ativa, exige a parceria do leitor para o prosseguimento do jogo narrativo. Vejamos algumas das situações em que é preciso responder a esse chamamento do texto.

"Alguém na multidão" e "Limbo" são dois contos que se apresentam estruturados em narrativas menores, articuladas entre si. Cabe ao leitor compará-las e, da comparação, extrair um sentido, num procedimento mental semelhante ao da montagem cinematográfica (o "terceiro termo", de Eisenstein). No primeiro conto, as duas narrativas, aparentemente desvinculadas, guardam uma relação de causa e efeito, bem como uma relação temporal de passado e presente, que só se desvendam quando o protagonista, a sós no seu quarto, desnuda corpo e alma diante do leitor, revelando-lhe a devastação feita pela AIDS. "Limbo", por sua vez, apresenta uma narradora perplexa, que relata três fatos e um sonho sobre aborto. O contraste entre o primeiro e o segundo relato dá ao texto uma viva e amarga ironia, que causa profunda impressão no leitor, convocado a também refletir e posicionar-se diante desse tema polêmico.

A mesma atitude ativa, de comparar e tirar conclusões, é exigida na leitura das

narrativas "De volta às cerejas", "O canto do galo" e "Prisioneiros do vento sul". Esses contos dialogam, respectivamente, com textos antológicos de Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis e Clarice Lispector, recebendo, cada um deles, um tratamento diverso.

O primeiro reescreve "As cerejas" (do livro *O jardim selvagem*), à semelhança do que se vê na série *Outras palavras*, da Editora Atual. A autora retoma a história original, situando a ação quinze ou vinte anos mais tarde, e descreve o retorno da protagonista – agora batizada de Lígia, numa homenagem à escritora – à chácara de sua meninice onde reencontra Madrinha e a velha empregada. O retraimento da protagonista de Lygia e a contrastante autonomia da de Adélice acham sua configuração num artifício técnico, que é a hesitação do narrador de terceira pessoa, ora afastando-se numa visão mais isenta, ora se aproximando, aderido à consciência de um ou outro personagem (até mesmo de um tímido lagarto), num interessante efeito estilístico.

Por sua vez, "Missa do galo" (de *Páginas recolhidas*), pequena obra prima de Machado de Assis, passa por um processo de atualização. A ação, que Machado datara como sendo "pelos anos de 1861 ou 1862", salta mais de um século e transfere-se para 1973. Os principais elementos, contudo, são mantidos, inclusive a memória do narrador, agora adulto, presa a um episódio aparentemente banal de sua adolescência numa república de estudantes. O leitor familiarizado com Machado tem o prazer de ir confrontando, passo a passo, o desenrolar da conversa ambígua, cheia de subentendidos, mantida na véspera de Natal, entre o jovem estudante e a mulher carente de afeto. Como se vê no volume *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema*, este é mais um exercício criativo que homenageia nosso ficcionista maior.

"Prisioneiros do vento sul" retoma *A paixão segundo GH*, num preito a Clarice Lispector. O perfil dos personagens dessa grande escritora, sempre enclausurados em suas dúvidas existenciais, ganha um contraponto à *la lettre* no enclausuramento físico do protagonista de Adélice, um jovem caseiro, confinado no interior de uma casa de praia, por força do gélido vento sul. Ao espanar os livros da estante, defronta-se com o volume de Clarice e, logo após, com uma barata. A reação do rapaz à leitura do romance evidencia o que Poe afirmava: durante a leitura, a alma do leitor está à mercê do escritor. A força da palavra literária, aliada aos uivos do vento, ao céu de chumbo e à solidão, cria uma atmosfera propícia para que a vida imite a arte. É quando o jovem surfista, sem saber como ou por quê (no outro dia pensará ter sonhado), reprisa o ato da protagonista de *A paixão segundo GH*, comendo as vísceras esmagadas da barata. Muitas narrativas de *Prisioneiros do vento sul* seguram a atenção do leitor muito além do desfecho, uma vez que o convocam a decidir-se pelo final, que fica ambíguo, em aberto ou apenas esboçado. É o caso, por exemplo, do já mencionado "Alguém na multidão", em que se tem a impressão – mas não a certeza – de que o protagonista irá cometer o suicídio. Procedimento análogo, de delegar ao leitor o poder de fechar a narrativa, também se vê em "Erótico neurótico" e em "Foi como foi". Neste último, o título parece apontar para um desfecho feliz, sugerindo que a protagonista está contando ao leitor como foi que conheceu seu amado. Contudo, o texto não avança além da sugestão, cabendo ao leitor o último lance do xadrez que rege a vida dos personagens de Adélice.

Outros textos há em que o leitor é desafiado não a determinar o rumo das ações implícitas, mas a definir o sentido das ações explícitas. É o caso de diversos contos que transitam nas fronteiras às vezes bastante imprecisas que limitam o maravilhoso, o estranho, o fantástico e o alegórico. "Mulher liberada" é um conto que se detém no limite entre a liberação e a libertinagem. O narcisismo e a exacerbação dos sentidos movem a protagonista, uma jovem universitária. A ação é toda marcada no espaço urbano de Goiânia: Madá deixa o campus da universidade, segue pela Avenida Independência, entra na Marginal Botafogo, toma a direção do Shopping Flamboyant, mas decide parar o carro e expor-se ao sol no estacionamento do Estádio Serradourada.

A erotização da protagonista, o ambiente em que se move e o assalto ou seqüestro de que é vítima vão dando ao leitor a mesma impressão de familiaridade e de previsibilidade das páginas do jornal. Súbito, a ação dá uma guinada e ganha contornos de um auto-de-fé medieval. O leitor, então, oscila entre uma explicação racional (seria uma farsa?) e uma sobrenatural (a jovem, transportada para outra época, passou de liberada a pecadora?), sem conseguir decidir-se por nenhuma das duas. É nessa brecha que se instaura o clima fantástico.

O mesmo fenômeno de trânsito insensível do presente ao passado reaparece em "Transmutação", porém com uma atmosfera de mais leveza e frivolidade, condizente com o cenário de Versalhes, onde uma turista se perde do grupo de visitantes e mergulha na corte francesa do século XVII. Os trajes da época e as maneiras cavalheirescas de seu guia apontam para o passado, mas o cartão de crédito e o passaporte na bolsa são um penhor do presente, e é com inquietação que o leitor se pergunta, junto com a protagonista: "Mas o tempo, essa coisa inexplicável, iria passar... ou não?"

Contos há em que o acontecimento insólito aproxima-se mais da metáfora ou da alegoria. "As duas pontas da história" é um desses textos. Traça o percurso milenar da mulher, convertida em imagem exemplar do gênero. Narrado em primeira pessoa, revela uma perspectiva não apenas feminina, mas abertamente feminista. Como um filme que fosse rodado em câmara acelerada, mostra a trajetória da mulher ao longo dos séculos e milênios, computando sucessivos lucros e perdas, e concluindo, numa alusão a Pandora, a primeira mulher, segundo os gregos: "Bendita seja a mulher que sabe esvaziar sua caixa sem abdicar da esperança".

Por outro lado, "Lucidez tardia" é o avesso da metáfora, ou melhor, é a metáfora tomada ao pé da letra. Neste conto, a expressão figurada "boi de piranha", aplicada popularmente aos que são punidos para que outros saiam ilesos, é tomada literalmente. A narrativa, feita em primeira pessoa pelo protagonista, é muito convincente. Envolvido em rendosa negociata, um homem descobre haver-se transformado em touro, escolhido para ser lançado às piranhas para que a boiada possa passar em segurança. Somente aos poucos ele se dá conta de sua metamorfose e de seu destino funesto. O conto se fecha com o início da carnificina e o último pensamento da vítima: "Enquanto me devoram, sou mais lúcido do que nunca. Sei. Sou boi, boi de piranha. O nojo que sinto de tudo, de mim principalmente, esse é humano".

A metamorfose em animal reaparece, com tintas menos carregadas, no último conto do volume, "Vingança, justiça divina ou conspiração do diabo?", um dos textos que trabalham lembranças do colégio. O antagonismo entre a narradora e sua gorda e invejosa colega de classe lembra a situação do conto "Felicidade clandestina", de Clarice Lispector. Se no conto de Clarice o objeto de desejo da narradora era um livro de Lobato e o tom era melancólico, no de Adelice o pivô da disputa é um simpático garoto, e o desfecho – em que a metamorfose ocorre – tem um tom anedótico.

Quando se considera a temática dos contos de Prisioneiros do vento sul, conclui-se que a autora testemunha seu tempo. Seus temas vão do trivial, beirando a crônica, como em "Primeiro mundo, pero no mucho", ao insólito, como em "Transmutação". Pela via introspectiva, a autora move-se na memória dos personagens, viajando no tempo: ora são reminiscências do passado, o que inclui um recuo à infância, como em "Rosa Rosalinda", ou ao tempo de escola, como se pode constatar em "O canto do galo", "O grito" e "Vingança, justiça divina ou conspiração do diabo?" Mais do que uma mirada nostálgica, trata-se de um olhar crítico sobre o passado. Novamente, do contraste entre dois tempos, o leitor é desafiado a comparar, avaliar e tirar conclusões.

"Nada fácil testemunhar este mundo com tudo o que tem de bom. De ruim", diria Lygia Fagundes Telles. É principalmente nos temas abordados por essas narrativas que se pode vislumbrar com maior clareza o olhar avaliativo com que Adelice analisa a sociedade de hoje, com seus vícios e desvios, seus descasos e seus abusos. Na

avaliação que faz, deixa entrever também a escala de valores que lhe serve de parâmetro e medida. Entre os temas recorrentes na ficção da autora, citam-se, entre outros, os desencontros amorosos, a corrupção, o afrouxamento da moralidade, o consumismo.

As relações amorosas, com seus encontros e desencontros, é tema central em diversas narrativas. Quando a ciência registra vinte anos do surgimento da AIDS, é emblemático que essa doença constitua o nó do conflito da primeira história do livro, "Alguém na multidão". Depois da peste negra medieval, dos surtos de cólera, poliomielite, sífilis e tuberculose de séculos mais recentes, a AIDS se instalou na esteira da liberação sexual do final do século XX, como um estigma e um desafio.

O protagonista do conto divide sua vida em dois tempos: antes e depois da descoberta da doença, e a própria narrativa assim também se estrutura, dividida em duas partes distintas, separadas por duplo espaçamento. O jovem vigoroso e incoerente, cometendo loucuras na sua busca desenfreada pelos prazeres do sexo não é reconhecido pelo leitor no homem magro e alquebrado, precocemente envelhecido, que bate à porta da casa paterna. Adelice, sem dúvida, testemunha seu tempo.

Em "Alguém na multidão", o conflito se instala com a descoberta da AIDS. O primeiro sinal da doença, uma mancha vermelha sob o seio da moça, é inicialmente entendido como um atrativo extra, uma face nova e sedutora da amante. Logo, porém, revela seu real significado ao repetir-se no peito do rapaz. Essa ambigüidade recebe um tratamento simbólico no contraponto que a autora vai fazendo ao longo do texto com os frutos maduros da cerejeira do jardim da casa do pai, de cor idêntica à das lesões que traz no corpo:

Enrolado como um caracol apodrecido, um fedor de fossa que nem ele suporta mais, toca de leve a pureza do macio fruto da cerejeira: maduro, viçoso, vermelho escuro, sangue bom, descontaminado. Sangue de vida sadia.

O aproveitamento das potencialidades simbólicas das palavras e imagens é bastante freqüente nas ficções de Adelice, conferindo-lhes um aprofundamento maior. Esse procedimento alcança, às vezes, o próprio nome dos personagens, conforme se pode observar em pelo menos dois contos, "Nem tudo são luzes" e "Rosa Rosalinda".

Nomen est omen, diziam os romanos. Lucimar, a protagonista de "Nem tudo são luzes", traz em seu nome a idiosincrasia de seu comportamento: só se sente bem em ambientes iluminados. A luz fica sempre acesa em seu quarto, somente dorme depois de o sol nascido. "Ignora completamente a linha divisória que separa o dia da noite" e teme que, com as trevas, corra o risco de enfrentar a Morte. Se o nome desse personagem atua como um reforço a seu perfil psicológico, no outro conto mencionado o nome relaciona-se por oposição à sua dona, atuando, pois, como uma ironia. De fato, Rosa Rosalinda é pobre, feia e retardada, nada tem da flor ou da beleza anunciadas pelo nome. O texto trabalha o tema dos limites entre a normalidade e a aberração, entre a identidade e o anonimato, com grande sensibilidade.

Nem todos os contos estruturam-se em tons tão dramáticos quanto "Alguém na multidão", ou em nuances simbólicas como esses. Outros há que registram o início, o fim ou o lento desgaste das relações amorosas através de situações mais prosaicas, com tons que vão do irônico, ou caricatural, ao jocoso. "Foi como foi", "Só porque era sexta-feira treze", "Desencontro. Encontro" e "Aniversário de casamento" exemplificam essa gama variada de situações.

O confronto entre a honestidade e a corrupção, outra das muitas marcas de nosso tempo, recebe tratamento diverso em dois contos: "Lucidez tardia" e "O trabalho danifica o homem". A ânsia pelo lucro fácil por meio de negócios escusos, conforme vimos, levou o protagonista desse primeiro conto a converter-se, literalmente, em boi de piranha, sendo, pois, punido (pelo menos alegoricamente) pela sua desonestidade. O segundo conto, muito breve, estrutura-se predominantemente em ações internas, com eventuais intromissões de ações externas. O leitor acompanha o fluxo da

consciência do protagonista, um pedreiro que viaja de pé num ônibus lotado. Seu pensamento dá voltas e mais voltas em torno de duas imagens, a de seu amigo Vado, um sujeito que trabalha pouco e ganha muito; e uma frase, que obsessivamente tenta lembrar com precisão: O trabalho danifica (ou seria: dignifica?) o homem. Compara mentalmente a vida mansa do amigo e a sua, árdua, a inveja falando alto, e a conclusão: O trabalho danifica o homem, é claro. Uma brecada diante do corpo ensangüentado de um traficante, abatido pela polícia, faz o protagonista corrigir a frase: O trabalho dignifica o homem. O corpo era de Vado.

O afrouxamento da moralidade e da ética, valores que perderam suas fronteiras nítidas nas últimas décadas, dando lugar à hipocrisia, transparece em alguns contos, como "Erótico neurótico", "Primeiro mundo, pero no mucho" e "Mulher liberada". Outra face da sociedade de hoje a merecer o registro da autora é o consumismo, que leva o cidadão a querer sempre mais e a conformar seus desejos ao prestígio e ao preço que os produtos têm no mercado. O olho crítico de Adeline analisa esse viés em pelo menos duas narrativas: "Ela, a etiqueta" e "Perdidos no espaço".

Estes dois contos, originalmente publicados em Salada de capitães, têm foco narrativo semelhante, sendo narrados em terceira pessoa, a partir de uma perspectiva masculina. O primeiro deles ambienta-se claramente em Goiânia, defronte a um dos shopping centers da cidade, às dezoito horas, "hora do rush e do cooper". A determinação do horário através de duas palavras inglesas já vai antecipando o clima de padronização do gosto a que os jovens de hoje se entregam, numa espécie de colonização voluntária. O protagonista reencontra uma ex-colega de classe, que o trata com familiaridade, embora ele não consiga localizá-la em seus arquivos de memória. Enquanto conversam amenidades, ele vai analisando-a, em busca de um índice qualquer que a identifique. Desfilam a seus olhos marcas famosas: Vuarnet, Forum, Zoomp, M. Officer, Victor Hugo, Chanel, Reebok. Uma garota igual a milhares de outras. Só na despedida, quando ela, afinal, tira os óculos de sol, ele a reconhece, mas é tarde demais, a Honda já vai longe. É um texto interessante, que satiriza sutilmente a onda de consumismo de nosso tempo. "Perdidos no espaço" é outro conto de muito originalidade. O tema parece banal: a dificuldade de o protagonista acostumar-se ao recém-inaugurado apartamento, imenso, comparado ao anterior. A autora consegue captar muito bem o estranhamento ao novo, a sensação de perda por deixar para trás o espaço conhecido e a sensação de desamparo que acomete o personagem.

Nos dois contos, além da crítica ao consumismo, que força o homem de hoje a criar novas necessidades, sempre insatisfeito com o que possui, desponta a busca pela humanidade perdida. O jovem, mergulhando, ainda que fugazmente, no olhar desnudo de sua antiga paixão; o homem maduro, procurando o aconchego da esposa e dos livros no pequeno espaço de seu amplo apartamento, que é seu escritório. Também o leitor pode encontrar, no aconchego das páginas de Prisioneiros do vento sul, um refúgio que lhe dá matéria de entretenimento e de reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos.